

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA – UFV
CAMPUS FLORESTAL - CAF
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – IBF
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**A BUSCA PELO EQUILÍBRIO ENTRE LIBERDADE E AUTONOMIA DOS ALUNOS
NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**FLORESTAL – MINAS GERAIS
2024**

GUILHERME DE OLIVEIRA GONZAGA

**A BUSCA A BUSCA PELO EQUILÍBRIO ENTRE LIBERDADE E AUTONOMIA
DOS ALUNOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Viçosa UFV - Campus Florestal, como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Neilton de Souza Ferreira Junior.

**FLORESTAL – MINAS GERAIS
2024**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Viçosa- *Campus* Florestal, como parte das atividades avaliativas da disciplina EFF 497 - Trabalho de Conclusão de Curso, pré-requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Orientador: Dr. Neilton Ferreira Júnior.

Área de concentração: Sociologia da Educação Física

Florestal (MG), XX de Setembro, 2024.

Banca Examinadora:

Nome – Titulação (sigla da instituição)

Resumo

Nesse relato pretendo apresentar experiências obtidas no contexto da minha participação no programa Residência Pedagógica. Experiência que se deu entre novembro de 2022 e dezembro de 2023, caracterizando-se pela atuação na Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende (Ensino Médio) e Escola Municipal Dercy Alves Ribeiro (Ensino Fundamental I). O relato mostrará as dificuldades organizativas, materiais e didáticas encontradas pelos docentes de Educação Física na tarefa de atrair e contar com a participação dos alunos nas aulas. Situação que conduz à reflexão sobre as razões da contínua dispersão e quais estratégias podem ser construídas e adotadas no sentido de garantir algum equilíbrio entre o que podemos entender por liberdade e autonomia discente, mitigando eventuais problemas e permitindo com que os estudantes reconheçam a diferença entre uma aula livre e uma bagunça. Observo que essa “dificuldade” de distinção torna as práticas esportivas hegemônicas como cenário de uma disputa que deixa a experiência coletiva em outras temáticas uma tarefa complexa. O relato também irá falar sobre o que notei ser uma desvalorização da disciplina Educação Física por parte dos alunos, pais e até mesmo da própria escola. Desvalorização que se expressa em situações nas quais o tempo destinado à disciplina acaba sendo utilizado pela comunidade escolar para atividades de outras disciplinas, desvinculadas de uma proposta pedagógica que se espera interdisciplinar. Soma-se a isso os problemas de ocupação dos espaços e disponibilidade de materiais. Condição que sugere a existência de uma hierarquia entre disciplinas inimigas da formação integral.

Palavras-Chave: Residência Pedagógica; Autonomia; Liberdade; Desvalorização; Participação.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. Métodos.....	8
2.1 Instrumentos e procedimentos.....	9
3. Análise e discussão.....	10
3.1 Primeiro contato com os alunos.....	10
3.2 Primeiras aulas na quadra.....	10
3.3 Cresce a participação dos alunos.....	12
3.4 Uma Nova Realidade.....	14
4. Considerações finais.....	16
5. Referências.....	18

1. INTRODUÇÃO

O Programa Residência Pedagógica (PRP) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) tem como objetivo principal proporcionar o desenvolvimento de projetos institucionais de residência pedagógica em Instituições de Ensino Superior com o objeto de desenvolver e aperfeiçoar da formação inicial de professores da educação básica que são alunos em cursos de licenciatura (CAPES 2024).

Além disso, o PRP tem alguns outros objetos, são eles:

- Fortalecer e aprofundar a formação teórica e prática dos estudantes dos cursos de licenciatura.
- Contribuir na construção da identidade profissional dos docentes.
- Dividir a responsabilidade entre o IES (Instituto de Estudos da Saúde), redes de ensino e escolas na formação inicial dos professores.
- Aproveitar do convívio dos licenciados com os professores já experientes da educação básica ajudando a prepará-los para sua futura atuação profissional.
- Induzir pesquisa colaborativa e produção acadêmica com base nas experiências vividas na sala de aula.¹

Os residentes são selecionados por meio de edital no qual será estabelecido os requisitos necessários para participar do projeto, no caso do PRP é necessário que o aluno tenha cursado no mínimo 50% do curso ou esteja cursando a partir do 5º período.

Falando especificamente do PRP no curso de Educação Física na Universidade Federal de Viçosa – Campus Florestal (UFV-CAF) no qual eu atuei haviam 17 residentes (todos os alunos do curso de Licenciatura em Educação Física), 3 preceptores (1 professor que atuava em cada escola englobada no PRP) e 1 coordenador geral (Professor da graduação).

Integrei ao PRP em novembro de 2022, e nele contemplava-se 3 escolas da rede pública de Minas Gerais: Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende, localizada em Florestal – MG e que contempla alunos do Ensino Médio, Escola

¹ Capes (2024) disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programas-encerrados/programa-residencia-pedagogica>> acesso em: 31 ago. 2024

Municipal Dercy Alves Ribeiro localizada em Florestal – MG que contempla alunos do Ensino Fundamental I e Escola Estadual Maria Rita Duarte localizada em Juatuba – MG que contempla alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, o objetivo inicial era dividir esses 17 residentes em grupos e cada grupo circular de 6 em 6 meses de forma alternada em cada escola para que pudesse ter experiências com todos os níveis de ensino e também pudesse viver 3 realidades distintas que cada escola pudesse oferecer em relação a estrutura, ideias e forma de trabalho.

Utilizando um dos objetivos do PRP que é induzir a produção acadêmica com base nas experiências vividas em sala de aula, busquei mostrar a minha experiência da baixa participação dos alunos do Ensino Médio em relação aos alunos do Ensino Fundamental I nas aulas de Educação Física por meio de um relato de experiência. Segundo Ludke e Cruz (2010) apud Mussi, Flores e Almeida (2021), a partir da constatação da importância da elaboração e divulgação do conhecimento científico, emerge a necessária compreensão das diferentes possibilidades metodológicas e, também, das variadas modalidades para proposição e estruturação dos escritos acadêmicos, tais como, o relato de experiência (RE). Destaca-se que o RE não é, necessariamente, um relato de pesquisa acadêmica, contudo, trata do registro de experiências vivenciadas.

Segundo Suarez (2008) apud Oliveira (2023), por sua vez, nos mostra que os Relatos de Experiência revelam uma parcela importante do saber pedagógico construído e reconstruído ao longo da vida profissional em meio a multiplicidade de situações e reflexos. Trata-se de uma forma ou método literário distinta, capaz de capturar detalhes, dinâmicas e processos que geralmente escapam à percepção do “rigor metodológico” ou são excluídos do processo de análise como coisas “de menor importância”.

É importante destacar que esse relato será feito embasado nas experiências que foi vivenciado na escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende e na Escola Municipal Dercy Alves Ribeiro, fazendo um paralelo entre a participação dos alunos do Ensino Médio e do Ensino Fundamental I nas aulas de Educação Física e como cada instituição se posiciona em relação a isso.

A Educação Física ainda é um componente curricular obrigatório na educação básica no Brasil, mas sabemos que apesar disso, historicamente, não é tratada com a mesma relevância dos outros conhecimentos propedêuticos. A partir da vivência na escola é possível perceber que os horários dedicados à disciplina de educação

física são, muitas vezes, negociáveis na escola. Se há no ambiente da escola uma desvalorização e desconhecimento sobre a educação física e seus conhecimentos entre os companheiros de profissão, com os estudantes seriam diferentes? Ao longo das aulas de Educação Física também percebi que os alunos vislumbram as atividades como distração, descanso dos deveres de outras disciplinas, e, principalmente no ensino médio, essa desvalorização reflete na não participação. No meu primeiro contato com as turmas de Ensino Médio (1° ao 3° ano) na Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende no Programa Residência Pedagógica (PRP), o preceptor contribuiu para que os residentes fossem inseridos no contexto da escola e no estabelecimento de uma relação com os alunos. Ao mesmo tempo, ele permitiu que a docência fosse exercida na sua totalidade.

E esse relato tentará diferenciar a liberdade e autonomia que os alunos têm e até onde elas devem chegar, já que é muito importante que os alunos criem sua própria autonomia e liberdade até mesmo para sua formação como sujeito, mas essa autonomia e liberdade não pode chegar a interferir negativamente na sua formação acadêmica.

A liberdade e autonomia citada no relato é baseada no conceito da pedagogia da autonomia de Paulo freire, onde o mesmo acredita que os alunos devem estar presentes na construção das aulas juntos ao docente, e o mesmo deve valorizar a formação ética, pensamento crítico, os sentimentos individuais de cada aluno e o contexto social onde tudo isso está acontecendo e com isso o professor ser um norteador do processo educativo mas sem deixar com que o equilíbrio do contexto pedagógico seja afetado.

Freire (1996), inclusive acredita que ensinar é necessário liberdade e autoridade, isto é o docente deve entender o seu papel para que haja um equilíbrio e que a liberdade mal centrada do aluno não interfira e desequilibre o contexto pedagógico e assim prejudique o funcionamento do mesmo.

E mesmo que seja importante dar a autonomia para os alunos até mesmo para que eles ajudem na construção das aulas e do ambiente escolar é necessário impor certos limites já que segundo Freire (1996) o adolescente com sua liberdade nem sempre faz a melhor escolha em relação ao seu amanhã.

No desenvolvimento do PRP, conhecemos o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e os planos de ensino das diferentes turmas com as quais atuaríamos como residentes. Uma questão importante de ressaltar é que há uma

supervalorização das práticas esportivas em detrimento às demais do acervo da cultura corporal de movimento. A minha primeira observação durante as aulas é a liberdade que os alunos têm na escola, provavelmente, tal situação se dá porque a escola, apesar de ser estadual, as turmas que demos aulas se situam no Campus da Universidade Federal de Viçosa em Florestal/MG. Esse contexto possibilita aos alunos do ensino médio permanecerem em contato cotidiano com estudantes da graduação e também com aqueles do curso técnico da Central de Ensino e Desenvolvimento Agrário de Florestal (CEDAF) que também acontece no mesmo campus.

2. Métodos

Foi uma observação participante compulsória, imediatamente desprovida das contribuições conceituais e dos procedimentos que caracterizam o método. O que não me impediu de, refletindo sobre o método, estabelecer algumas aproximações que permitissem com que eu me reconhecesse na ação/experiência por ser relatada. Desse modo, identificar que, à semelhança do referido método, me fez compreender tudo que eu havia feito na minha experiência: o funcionamento de uma sala de aula, como funciona uma escola e também como os alunos se comportam em relação às aulas e ao professor de Educação Física e como eu reagiria a tudo isso estando inserido nesse contexto.

Diferente do método de entrevista, no caso da observação participante, é necessário que o observador esteja inserido pessoalmente no contexto que ele está pesquisando, isto é ele deve estar participando com bastante zelo para interpretar da melhor forma as ações que estão acontecendo naquela situação específica. É necessário que o pesquisador se torne parte do universo para que entenda de forma correta as ações daqueles que o cercam, seja as culturas e aspectos simbólicos - costumes e linguagens (BELLOTTI; VALÉRIO; PROENÇA, 2007).

Na Observação participante, enquanto técnica utilizada em investigação há que realçar que os seus objetivos vão muito além da pormenorizada descrição dos componentes de uma situação, permitindo a identificação do sentido, a orientação e a dinâmica de cada momento (SPRADLEY, 1980).

Além disso, CORREIA (2009, apud SPRADLEY, 1980:53) alerta para a necessidade de o investigador começar por se familiarizar com o papel de

Observador e compreender os diferentes tipos de participação possíveis. Nestes diferentes tipos de participação que CORREIA (2009, apud SPRADLEY, 1980:58) propõe com diferentes níveis de compromisso e envolvimento do investigador, este poderá ir de um baixo nível de envolvimento até ao mais elevado, com uma participação de nula ou baixa até um nível que progride de passivo a moderado, ativo ou completo.

2.1 Instrumentos e procedimentos

Os instrumentos utilizados neste relato de experiência foram o plano de ensino da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende (Ensino médio) e Escola Municipal Dercy Alves Ribeiro (Ensino Fundamental I), planos de aulas construídos em conjunto pelos preceptores e residentes, além da memória.

Os planos de ensino e os planos de aula são de suma importância para que os professores tenham um direcionamento para onde irão seguir durante o ano (planejamento de ensino), mas também durante a semana ou dia específico (plano de aula).

O planejamento de ensino consiste no processo de tomada de decisões, a partir de análise de informações coletadas e/ou disponíveis, de forma a racionalizar uso de meios e recursos para atingir objetivos específicos pré-determinados, em situação de ensino/aprendizagem, controlando a marcha do processo instrucional. Neste conceito teve-se o cuidado de não especificar a quem compete tomar essas decisões, porque a responsabilidade é de todos os envolvidos nos propósitos da instituição educacional como um todo (CONSUELO, 1984).

Segundo a página 122 do documento "Vista do Plano de Aula", de 2024, o plano de aula consiste na especificação e na operacionalização do trabalho docente cotidiano. Ele traduz a ação concreta, efetuada em sala de aula na materialização do conteúdo disciplinar no curso do processo do ensino e da aprendizagem na construção do saber. Uma ação que se compreende de modo mais adequado a partir dos elementos que o constituem. O plano de aula apresenta os seguintes elementos:

- a) identificação;
- b) objetivo ou objetivos operacionais;
- c) conteúdo;

- d) procedimentos metodológicos de abordagem;
- e) recursos que serão utilizados;
- f) atividades docentes e discentes;
- g) a avaliação;
- h) o cronograma;
- i) as referências básica e complementar.

Além desses instrumentos fundamentais na vida de um docente, outro instrumento utilizado neste relato de experiência foi a memória.

Porém, em se tratando de um método qualitativo como a memória, derivada da percepção humana e estreitamente relacionada com o poder dos indivíduos em guardar e lembrar acontecimentos, relacionados ao seu meio social, alguns pressupostos para o seu entendimento, se fazem necessários. (DORES 1999).

3. Análise e discussão

3.1 Primeiro contato com os alunos

Nas primeiras aulas desenvolvidas junto ao preceptor, observei que nas atividades de Xadrez (na sala de aula) a presença dos alunos foi muito grande e que, na maioria das vezes, quase todos os alunos estavam presentes na sala, apesar de que muitos alunos não estavam praticando a atividade proposta pelo professor, muitos deles se encontravam mexendo no celular, fazendo exercício de outras matérias, ou até mesmo praticando outras atividades como jogando cartas ou até mesmo conversando, mas o cenário poderia mudar quando as turmas fossem para a quadra.

3.2 Primeiras aulas na quadra

O primeiro contato com os alunos na quadra teve como objetivo trabalhar o esporte Basquetebol e seus fundamentos (passe, drible, finta, arremesso, e por fim o jogo completo), as atividades propostas eram atividades rotineiras nas aulas de Educação Física escolar e nessa aula tivemos em média por turma entre 8 e 12 alunos participando da aula mas a grande maioria da turma estava presente no ambiente (quadra) onde a atividade estava acontecendo, as aulas de basquetebol

continuaram e por fim chegou o momento em que uma turma de 40 alunos apenas 4 alunos se disponibilizaram a participar da aula.

Começamos a questionar se os métodos ou atividades estavam afastando os alunos das aulas ou se era algo infelizmente comum, então questionamos o preceptor que já dava aula para aquelas turmas a mais tempo se essa era a realidade de participação e surpreendentemente ele disse que sim, aquela era a rotina de participação dos alunos.

Seguimos nas práticas esportivas e pelo planejamento de ensino a próxima matéria a ser abordada seria o Handebol, havia um residente com muita afinidade com essa prática esportiva e isso nos animou bastante porque poderia estreitar nossa relação de docentes com os alunos e aumentar a participação deles nas aulas. De fato a participação nas aulas de handebol cresceu em relação às aulas de basquetebol porém as turmas foram prejudicadas devido a uma reforma que iria acontecer no ginásio onde as aulas eram praticadas e as aulas de Educação Física foram realocadas em uma quadra externa com um piso muito ruim, onde a bola sempre ia pra longe quando arremessada e o pior, não havia teto ou seja os alunos e docentes estavam expostos ao sol, aumentando o calor, fazendo com que todos suassem mais e se preocupassem mais com a saúde devido a exposição aos raios UV.

Mas algo que mais me chamava atenção é que desde a primeira prática esportiva (Xadrez) muitos alunos ficavam sentados e não se disponibilizavam a participar das aulas de Educação Física apesar de estarem presentes no ambiente da aula. E depois de questionar alguns alunos sobre os motivos, penso que tal situação pode ocorrer em relação à não aprendizagem dos esportes, massivamente, presentes nas aulas e as questões de infraestrutura do campus e formato escolar que não possibilitam cuidados pessoais de higiene, por exemplo.

Além disso, ao refletir sobre as questões de participação, e de início fiquei sem entender o motivo de isso acontecer, chegamos a conclusão de que apesar de serem distribuídos pontos para os alunos para cada dia de participação na aula de Educação Física, muitos deles preferiam não participar e depois fazer a recuperação de modo *online* já que por estarem presentes no ambiente da aula (quadra esportiva) eles não poderiam ser considerados infrequentes. O que então provoca a infrequência dos alunos nas aulas de educação física? No contexto vivenciado no

ensino médio, os estudantes participam de forma ativa nos processos pedagógicos? Há liberdade, protagonismo ou desinteresse?

Percebi que, além da não participação efetiva nas aulas, o fato da escola se situar dentro de um *campus* universitário facilita aos alunos faltar às aulas até mesmo sem serem questionados em nenhum momento sobre isso, porque acabam se misturando com alunos da graduação presentes no campus e dessa forma acabam passando muitas vezes despercebidos pelos professores, seguranças e outros funcionários do campus. Além disso, o campus acaba oferecendo diversas distrações para os alunos: quadras, bolas, espaços vazios para alunos jogarem jogos de cartas, ouvirem música e assim acabam preferindo essas situações em relação às aulas. A baixa adesão às aulas faz ou deveria fazer todo professor repensar se as suas aulas estão sendo bem elaboradas, se estão motivando os alunos ou procurar entender motivos externos que podem estar dificultando tudo isso.

Segundo Júnior (2000) a influência do professor e o fato dos professores não proporem conteúdos, atividades diferentes desde o ensino fundamental é um dos aspectos mais importantes para a baixa motivação dos alunos nas aulas, e isso se comprovou para mim quando demos o conteúdo de ginástica que não é tão trabalhado nas escolas devido à falta de estrutura de espaço e de disciplinas. De acordo com a matéria do jornalista Demétrio Vecchioli publicada no Uol 14/12/2021 os dados, computados a partir do Censo Escolar da Educação Básica 2020, mostram que, de 135.263 escolas do ensino fundamental I ao médio, 47% não possui nenhuma instalação para a prática desportiva e que das escolas de educação básica do Brasil, apenas 40,6% têm tanto local de prática quanto materiais. E o pior é que em 27% das escolas brasileiras não existe nem uma coisa nem outra.

3.3 Cresce a participação dos alunos

Ao trabalhar o conteúdo da ginástica, por exemplo, percebi que, por ser algo novo e diferente para grande parte dos alunos, foi com certeza o conteúdo com mais adesão em todas as turmas, visto que nas aulas de basquetebol, por exemplo, chegou a ter aula com a participação de apenas 4 alunos em uma turma que tinha cerca de 35/40 alunos matriculados. As aulas de ginástica foram divididas com uma progressão e evolução dos movimentos, de início não teve muita aceitação dos

alunos acredito que a vergonha de fazer errado ou até mesmo a dificuldade de alguns movimentos para muitos alunos foi um complicador, mas de acordo com que a progressão das aulas ia acontecendo a adesão e presença dos alunos se tornava cada vez maior.

A ginástica tem muito a agregar no desenvolvimento humano, Ferreira *et al* (2019) afirma que a ginástica artística como conteúdo da educação física escolar contribui no desenvolvimento global dos alunos. A modalidade trabalha os aspectos de coordenação, ritmo, inteligência cinestésica-corporal, lateralidade, força, flexibilidade presentes na aprendizagem dos movimentos acrobáticos e pré-acrobáticos da ginástica artística, e nas aulas fica claro como os alunos evoluem a cada progressão de movimento. Na experiência com esse conteúdo, foi estabelecida uma sequência didática que garantiu a evolução do conteúdo e, também, da formação dos estudantes. As aulas tiveram a seguinte progressão:

Aula 1: Roda de conversa

Aula 2: Vela/avião

Aula 3: Ponte e parada de mãos

Aula 4: Estrela e equilíbrio no banco sueco

Aula 5: Rodante e rolamento pra frente

Aula 6: Rolamento para trás e estrela no banco sueco

Aula 7: Reversão para frente e saltos no banco

Aula 8: Aprimoramento técnico dos elementos trabalhados

Aula 9: Montagem da série de ginástica para a apresentação final

Aula 10: Apresentação final.

As aulas de ginástica por ser algo novo para os alunos teve de início uma rejeição muito grande, talvez pela exposição que o corpo sofre nessas atividades, pela falta de afinidade dos alunos, ou até mesmo medo de se machucar, mas aulas estavam acontecendo em uma sala localizada no Campus, com todo material de qualidade disponível: tatames, colchões e bancos de equilíbrio. Com o passar do tempo os alunos começaram a participar mais das aulas chegando a ter 20/25 alunos participando da aula.

A aula 10 foi minha última aula como residente na Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende e com certeza a melhor, a apresentação final que os alunos tinham que escolher uma música e criar uma apresentação utilizando os elementos da ginástica artística teve uma aceitação e uma adesão muito boa, a utilização da

criatividade para mistura dos movimentos e a relação dos movimentos com a música (escolhida pelos alunos) ajudou muito para que a aula fluísse e fosse bastante dinâmica e animada. Como eu já havia dito, a escola divide o mesmo espaço que a Universidade em que estudo e ver o carinho e feedback dos alunos quando me encontram me faz acreditar que apesar de todas as dificuldades citadas eu tenha feito um bom trabalho durante minha docência.

3.4 Uma Nova Realidade

Em agosto após o rodízio de escola-campo, foi dado início a minha nova experiência no Programa Residência Pedagógica na Escola Municipal Dercy Alves Ribeiro para trabalhar no Fundamental I e com a preceptora Tamires Cristina. O início da experiência foi muito parecido com o da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende, tive o primeiro contato com as crianças e observei as primeiras aulas da preceptora Tamires até mesmo para analisar como a escola funcionava. Diferentemente da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende que fomos separados em trios para ir dar aulas na Escola Municipal Dercy Alves Ribeiro, fomos divididos para ir individualmente dar aulas, o que de início parece meio assustador, mas com certeza essa experiência me agregou muito profissionalmente.

Outra aspecto diferente das duas escolas, que acredito que tenha haver com a diferença de idade dos alunos, e a animação e motivação das crianças com a aula de Educação Física, para as crianças parecia que a aula de Educação Física era um momento de liberdade que eles tinham em relação a sala de aula, então eles estavam sempre felizes e animados para todas as aulas além de comemorarem só o fato do professor aparecer na sala de aula para buscá-los, fora que os alunos não tinham a opção de não participar das aulas de Educação Física a não ser que apresentassem atestados médicos ou não estivessem com as vestimentas adequadas para a prática de atividades físicas (e mesmo assim alguns alunos por questões financeiras as vezes não apresentavam calçados, um short adequado) algo que com ajuda da preceptora eu fui sabendo lidar e contornar.

Como foi meu primeiro contato com crianças, minha principal dificuldade inicial foi a forma de como tratar as crianças (utilizar as palavras certas) e também a dificuldade que eu iria colocar nas atividades, mas com a ajuda da preceptora consegui ir evoluindo e melhorando minhas aulas cada vez mais. Nas minhas aulas

eu tentei não trabalhar apenas o esporte e sua técnica, se tratando de crianças acho fundamental também abordar a ludicidade (FONSECA;MUNIZ,2000 *apud* SANTANA, R. 2014) revela como as atividades lúdicas contribuem para o desenvolvimento da formação moral, cognitiva, afetiva e motora das crianças.

Na Escola Municipal Dercy Alves Ribeiro também tive meu primeiro contato com alunos com deficiência, mais uma novidade para mim, mas que com certeza me agregou demais como profissional, tive com o contato com um aluno autista, um aluno com baixa visão e um aluno com deficiência intelectual, o contato com esses alunos me fez sempre repensar nas aulas para que elas se tornassem cada vez mais inclusivas:

O professor tem grande importância nos processos de inclusão, enfrentando os desafios vivenciados no ensino regular. É preciso que o professor promova programas com qualidade e segurança, que conheça algumas características fundamentais sobre cada deficiência e, sobretudo, consiga perceber as potencialidades diferenciadas presentes nas crianças, independentemente das deficiências que possam apresentar” (GORGATTI, *apud* LARA, *et al.*, 2017, p.12).

Além disso, eu comecei a pensar que ao mesmo tempo em que as aulas deveriam ser inclusivas para esses alunos eu também não poderia prejudicar os outros. Falando um pouco da relação dos alunos com deficiência com o restante da turma eu fiquei impressionado como os alunos são receptivos e ajudam de todas as formas possíveis o aluno com deficiência, isso facilita demais a atuação do professor e ajuda com que a aula flua da melhor forma possível, porque as crianças além de participarem ainda ajudam os docentes na construção das aulas.

A experiência na Escola Municipal Dercy Alves Ribeiro me fez ter uma noção de qual área da licenciatura eu gostaria mais de atuar, trabalhar com crianças com certeza me fazia trabalhar mais motivado e feliz, a dedicação, recepção, carinho e felicidade das crianças em relação às aulas de Educação física ajuda muito para que o profissional trabalhe ainda mais motivado.

4. Considerações finais

Acredito que depois de todas as experiências que passei é necessário que o professor de Educação Física encontre o equilíbrio entre a liberdade dada para os alunos para ajudar na construção das aulas e a rigidez e cobrança de participação para que você tenha sempre os alunos mais perto de você e motivados para suas aulas, saber trabalhar também com a diversidade de turmas/escolas é fundamental, se adequar a cada contexto tanto da realidade social da escola e dos alunos, visto que quando trabalhei na Escola Estadual Serafim Ribeiro precisei entender que muitos alunos ali estudavam de forma integral então uma aula no sol, fazendo com que eles suassem e se sujassem sem um local adequado para tomar banho, trocar de roupa dificultaria muito a participação desses alunos, além disso a ter um arsenal de plano de aulas variado principalmente para esses alunos é necessário para que eles se sintam motivados e entretidos a aprender esportes, jogos, brincadeiras e atividades novas como foi o caso da ginástica.

Além disso, acredito que é preciso sim ser obrigatório à participação dos alunos nas aulas para que os mesmos ganhem presença, porque assim você acaba “forçando” com que o aluno participe e assim facilita que o professor o convença de que a Educação Física é algo bom e interessante, é necessário também que a escola dificulte a recuperação desses pontos perdidos pelos alunos para que eles valorizem as aulas enquanto elas estão acontecendo e não no final do semestre (tendo que fazer recuperação).

A estrutura da Escola Municipal Dercy Alves Ribeiro é algo que deveria ser seguido, a obrigatoriedade de participar das aulas de Educação Física é algo fundamental e ajuda muito o docente, sei também que isso é mais fácil por se tratar de crianças mas é necessário encontrar em que momento exato nós deixamos que crianças/adolescentes escolham por livre e espontânea vontade de qual aula eles vão participar ou não,

É necessário que as escolas também comecem a valorizar mais as aulas de Educação Física, por muitas vezes essa disciplina é deixada de lado pela escola e acaba passando uma impressão para os pais, alunos as outras, além disso, investimento em um espaço para as práticas das atividades, materiais variados e de qualidade, tempo adequado para a sua prática e uma cobrança firme em cima do docente para que ele ofereça práticas variadas e de qualidade para os alunos

daquela escola é importantíssimo para que a disciplina tenha uma evolução na escola.

Por fim após a atuação no Programa Residência Pedagógica posso concluir que foi a minha melhor decisão no meu trajeto acadêmico, as experiências que esse projeto me deu para a minha formação como professor foram fantásticas algo que talvez em um estágio comum não seria possível.

Finalizei o PRP com sensação de objetivo concluído, tive a experiência de trabalhar em 2 escolas diferentes, conhecer realidades diferentes e adquirir bagagens que infelizmente o curso de licenciatura nunca vai conseguir nos preparar, apenas a experiência, dentro das escolas, vivenciando o dia a dia poderia fazer com que eu entendesse a atual realidade da educação e da estrutura das escolas públicas no Brasil.

5. Referências

JUNIOR, Joaquim. O professor de educação física e a educação física escolar: como motivar o aluno? **Revista da Educação Física/UEM Maringá**, v. 11, n. 1, p. 107-117, 2000.

VECCHIOLI, Demetrio. **Olhar Olímpico - Quase metade das escolas brasileiras não têm local para prática de esporte**. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/colunas/olhar-olimpico/2021/12/14/quase-metade-das-escolas-brasileiras-nao-tem-local-para-praticar-esporte.htm#:~:text=Os%20dados%2C%20computados%20a%20partir>>. Acesso: dez. 2023

PEREIRA, Raquel Stoilov; MOREIRA, Evando Carlos. A participação dos alunos do ensino médio em aulas de educação física: algumas considerações. **Revista da Educação Física/ UEM Maringá**, v. 16, n. 2, p. 121-127, set. 2005.

SANTANA, Rafael. **Fases atividades lúdicas nas aulas de educação física**. Centro universitário de Brasília - UNICEUB Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – Brasília, 2014.

LARA, Fabiane; PINTO, Celeida. A importância da educação física como forma inclusiva numa perspectiva docente. **Universitas: Ciências da Saúde**, v. 15, n. 1, p. 67, 2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa de Residência Pedagógica**. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programas-encerrados/programa-residencia-pedagogica>>. Acesso em 31 ago. 2024

NUNES, Hugo Cesar Bueno. **O jogo da identidade e diferença no currículo cultural da Educação Física. 2018. Tese (Doutorado em Educação)** – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Doi:10.11606/T.48.2018.tde-07112018-141650. Acesso em: 2024-09-03.

LÜDKE, Menga; CRUZ, Giseli. **Contribuições ao debate sobre a pesquisa do professor da educação básica. Formação Docente** - Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores, v. 2, n. 3, p. 86-107, 18 dez. 2010. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbfp/article/view/20/18> . Acesso em 01 de jul. 2021.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. **Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico**. Práx. Educ., Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-267920210005000>

[60&lng=pt&nrm=iso>](#). acessos em 03 set. 2024.
Epub 25-Nov-2021. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>.

CORREIA, Maria. **A observação participante enquanto técnica de investigação.** *Pensar Enfermagem*, 13(2), 30–36. <https://doi.org/10.56732/pensarenf.v13i2.32>

PROENÇA, Wander. **O Método da Observação Participante: Contribuições e aplicabilidade para pesquisas no campo religioso brasileiro**[s.l: s.n.]. Disponível em: <https://unicamp.br/~aulas/Conjunto%20III/4_23.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2024.

CONSUELO. **Planejamento de ensino: fase de preparação.** n. 3, p. 9–34, 1 dez. 1984.

OLIVEIRA, Manoel. **Plano de aula: ferramenta pedagógica da prática docente.** Pergaminho. Patos de Minas: UNIPAM p. 121-129, nov. 2011.

FREIRE, Paulo . **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LALANDE, André. **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OLIVEIRA, Guilherme. **Residência Pedagógica: descrição de uma vivência e experiência de trabalho através da ginástica.** Florestal 2023.

DORES, Fabíola Gaspar das. **A Memória Como Método De Pesquisa.** Faculdade de Ciências e Letras - Unesp - Araraquara, 2017.